

O horror do Hamas também é uma lição sobre o preço do populismo

Opinião



Yuval Noah Harari

Os israelitas estão a tentar compreender o que nos acabou de atingir. Primeiro, comparámos o desastre actual com a Guerra do Yom Kippur de 1973. Há 50 anos, os exércitos do Egito e da Síria lançaram um ataque-surpresa e infligiram a Israel uma série de derrotas militares, antes de as Forças de Defesa de Israel se reagruparem, recuperarem a iniciativa e inverterem o jogo.

Mas, à medida que emergem mais e mais histórias e imagens horríveis sobre o massacre de comunidades inteiras, apercebemo-nos de que o que aconteceu não se compara, de forma alguma, à Guerra do Yom Kippur. Nos jornais, nas redes sociais e nas reuniões familiares, as pessoas estão a fazer comparações com os momentos mais sombrios da história do povo judeu – como quando as unidades móveis de extermínio das *Einsatzgruppen* nazis cercaram e assassinaram aldeias judias durante o Holocausto e os *pogroms* contra judeus no Império Russo.

Pessoalmente, tenho familiares e amigos nos *kibbutzim* Be’eri e Kfar Aza e ouvi muitas histórias horripilantes. O Hamas teve o controlo total destas duas comunidades durante horas. Os terroristas foram de casa em casa, assassinando sistematicamente famílias, matando pais à frente dos seus filhos e fazendo reféns, inclusive bebés e avós. Sobreviventes aterrorizados trancaram-se em armários e caves, pedindo ajuda ao Exército e à polícia, que, muitas vezes, não chegou a tempo.

O meu tio de 99 anos e a sua esposa de 89 anos são membros da comunidade de Be’eri. Toda a comunicação com eles foi cortada pouco depois de o Hamas tomar o controlo do *kibbutz*. Esconderam-se na sua casa durante horas enquanto dezenas de terroristas causavam estragos e cometiam assassinatos. Recebi a notícia de que sobreviveram. Conheço muitas pessoas que acabaram de receber as piores notícias das suas vidas.

O meu tio e tia são dois judeus resistentes – nascidos na Europa de Leste entre as duas guerras, já

perderam um mundo na *Shoah*. Crescemos a ouvir histórias sobre judeus desprotegidos que se escondiam dos nazis em armários e caves, sem que ninguém viesse em seu auxílio. O Estado de Israel foi fundado para garantir que isto nunca mais voltaria a acontecer.

Então, como é que isto aconteceu? Como é que o Estado de Israel desapareceu em combate?

Anos de arrogância

Em certa medida, os israelitas estão a pagar o preço pelos anos de arrogância, durante os quais os nossos governos e muitos israelitas comuns sentiram que éramos muito mais fortes do que os palestinianos, a ponto de podermos simplesmente ignorá-los. Há muito a criticar na forma como Israel abandonou a tentativa de fazer a paz com os palestinianos e manteve milhões de palestinianos sob ocupação ao longo de décadas.

No entanto, isso não justifica as atrocidades cometidas pelo Hamas, que, de qualquer forma, nunca

contemplou qualquer possibilidade de acordar a paz com Israel e fez tudo o que estava ao seu alcance para sabotar o processo de paz de Oslo. Quem deseja a paz deve condenar e impor sanções ao Hamas e exigir a libertação imediata de todos os reféns e o seu completo desarmamento.

Além disso, independentemente de quanta culpa atribuíamos a Israel, isso não explica a disfunção do Estado. A história não é uma lição de moral.

A verdadeira explicação para a disfunção de Israel é o populismo, em vez de qualquer suposta imoralidade. Durante muitos anos, Israel foi governado por um líder populista, Benjamin Netanyahu, que é um génio das relações públicas, mas um primeiro-ministro incompetente. Repetidamente privilegiou os seus interesses pessoais em detrimento do interesse nacional e construiu a sua carreira a dividir a nação. Nomeou pessoas para cargos-chave com base na lealdade em vez de qualificações,

assumiu o mérito por cada sucesso sem nunca aceitar responsabilidade pelos fracassos e pareceu dar pouca importância tanto a dizer a verdade como a ouvir a verdade.

A actual coligação de governo de Netanyahu tem sido, de longe, a pior. É uma aliança de fanáticos messiânicos e oportunistas sem escrúpulos, que ignoraram os muitos problemas de Israel – incluindo a deterioração da situação de segurança – e se concentraram em conquistar poder ilimitado para si próprios. Na busca desse objectivo, adoptaram políticas extremamente divisórias, espalharam teorias da conspiração ultrajantes sobre as instituições do Estado que se opõem às suas políticas e rotularam as actuais elites do país como traidores pertencentes ao “Estado oculto”.

O Governo foi repetidamente alertado pelas suas próprias forças de segurança e por inúmeros especialistas de que as suas políticas estavam a colocar Israel em perigo e a minar a dissuasão israelita num

momento de crescentes ameaças externas. No entanto, quando o chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel (IDF) pediu uma reunião com Netanyahu para o alertar sobre as implicações de segurança das políticas do Governo, o primeiro-ministro recusou encontrar-se com ele. Quando o ministro da Defesa, Yoav Gallant, fez soar o alarme, Netanyahu demitiu-o. Acabou por ser forçado a readmitir Gallant por causa de uma onda de indignação popular. Tal comportamento ao longo de muitos anos permitiu que uma calamidade atingisse Israel.

Independentemente do que cada um de nós pensa sobre Israel e sobre o conflito israelo-palestiniano, a forma como o populismo corroe o Estado israelita deve servir como um aviso a outras democracias do mundo.

Uma lição a retirar

Israel ainda se poderá salvar da catástrofe. Mantém uma vantagem militar decisiva sobre o Hamas, bem como sobre muitos outros inimigos. A longa memória do sofrimento judaico está a galvanizar a nação. As IDF e outros órgãos do Estado estão a recuperar do choque inicial. A sociedade civil está a mobilizar-se como nunca, preenchendo muitas lacunas deixadas pela disfunção governamental. Os cidadãos esperam em longas filas para doar sangue, acolhem refugiados da zona de guerra em suas casas e doam alimentos, roupas e outros bens essenciais.

Neste momento crítico, apelamos também aos nossos amigos em todo o mundo para estarem ao nosso lado. Há muito a criticar sobre o comportamento passado de Israel. O passado não pode ser mudado, mas esperamos que, uma vez assegurada a vitória sobre o Hamas, os israelitas não apenas responsabilizem o nosso actual Governo, mas também abandonem as conspirações populistas e fantasias messiânicas, fazendo um esforço sincero para concretizar os ideais fundadores de Israel, de democracia em casa e paz no estrangeiro.

Exclusivo PÚBLICO/
The Washington Post

Historiador, autor dos livros *Sapiens — História Breve da Humanidade* e *Homo Deus — História Breve do Amanhã*



RONEN ZVULUN/REUTERS

“O passado não pode ser mudado, mas esperamos que, uma vez assegurada a vitória sobre o Hamas, os israelitas não apenas responsabilizem o nosso actual Governo, mas também abandonem as conspirações populistas e fantasias messiânicas, fazendo um esforço sincero para concretizar os ideais fundadores de Israel”